

Alexander Gutke

A Vera Cortês Art Agency apresenta a primeira exposição individual de Alexander Gutke na galeria.

O corpo de trabalho de Alexander Gutke (1971) pode ser filiado a uma tradição minimalista e conceitual. Recorrendo a câmaras de filmar, projetores de slides, ou a própria película, enquanto suporte material e analógico do filme, Gutke explora noções de espaço, luz e sombra, escuridão e vazio. Estes dispositivos tecnológicos tendem a ser explorados simultaneamente como objetos e como tecnologia, como meios expressivos e como um fim em si próprios, permitindo ao artista desenvolver um corpo de trabalho que lida com ideias de autorreflexividade, narrativa e cinema, através do que pode ser considerada a criação de *loops* paradoxais de significado.

Para a sua exposição na Vera Cortês Art Agency, Gutke apresenta um corpo de trabalho que testemunha os últimos dez anos da sua prática, e onde peças mais antigas e trabalho recente, criado especificamente para esta exposição, convivem, permitindo assim ao espectador um entendimento mais articulado das temáticas que o artista tem vindo a explorar.

Em *Loud Loud* (2014), uma réplica ligeiramente aumentada de um botão de volume de um amplificador de guitarra dos anos setenta da Marshall é instalada na parede, um pouco acima do nível dos olhos. Os valores entre -10 e 10 são carimbados diretamente na parede, sugerindo assim a possibilidade de um espaço negativo ou talvez de uma banda sonora localizada algures entre o completo silêncio e o ruído total.

Em *Gradient* (2015) Gutke apresenta uma régua em aço inoxidável gravada, que aparenta ter sido esticada até ao infinito. A régua tem 300 cm de comprimento e as marcas dos milímetros e centímetros encontram-se distribuídas pela régua com um espaçamento cada vez maior, testemunhando assim o processo de extensão infinita.

No vídeo *1-2-3-4* (2010) uma tarola encontra-se localizada no centro de uma sala branca. Baquetas começam a cair e atingem a tarola e o chão à sua volta. Após alguns segundos de aparente hesitação, onde as baquetas caem de forma irregular e esporádica, a intensidade da queda aumenta, como se de chuva se tratasse, atingindo a tarola e o chão de forma violenta; projetando as baquetas na direção do espectador e enchendo a sala com o som de um solo de bateria aleatoriamente improvisado.

A instalação de slides *Lighthouse* (2006) recorre ao icónico projetor de slides *Carousel* da Kodak como o seu ponto de partida formal. Os 81 slides que constituem a projeção apresentam um retângulo branco (um slide vazio) que, à medida que a projeção progride no tempo, slide a slide, descreve um movimento circular, em tudo semelhante ao movimento executado por um slide individual no carrossel do projetor. O resultado é uma projeção branca, que parece girar num espaço tridimensional imaginário, focando e desfocando à medida que se aproxima ou afasta do espectador.

Finalmente, e a fechar a exposição, *9 to 5, Stormgatan 5* (2015) é uma série de fotografias digitais iniciada em 2012 e ainda em curso, onde Gutke apresenta uma sequência de fotografias de uma parede do seu ateliê durante um dia. A fotografia inicial é tirada durante a manhã, com luz natural. As definições da máquina fotográfica são ajustadas, de forma a que o resultado dessa primeira fotografia seja representativo da cor e da luz da parede branca durante esse período do dia, e trancadas. A fotografia assim obtida é impressa a 95% da escala da área fotografada e colocada na parede, no local exato onde a fotografia foi tirada. Uma nova fotografia da imagem colocada na parede é tirada, e devido à ligeira redução de escala, uma pequena margem de parede à volta da fotografia torna-se visível. Este processo é repetido aproximadamente uma vez por hora, durante o dia, levando a que cada fotografia seja sequencialmente substituída por uma nova. A imagem final documenta uma espécie de “corte” ou imagem transversal, do tempo e do espaço. A textura da parede, as suas marcas e aspetos característicos aparecem repetidas nas margens, e em conjunto com as alterações de luz e temperatura da cor, revelam a passagem do tempo.

Alexander Gutke

Vera Cortês Art Agency presents Alexander Gutke's first solo exhibition at the gallery.

Alexander Gutke's body of work (1971) can be said to belong to a minimalist and conceptual tradition. Using cameras, slide projectors or film, Gutke explores notions such as space, light, shadow, darkness, and emptiness. These technological devices are usually explored both as objects and technology, both as a medium and as an end, and allow the artist to develop a body of work that deals with issues that pertain to self-reflexivity, narrative and cinema, as he creates what one may call paradoxical loops of meaning.

In this exhibition at the Vera Cortês Art Agency, Gutke presents a selection of pieces that represent the last ten years of his practice. Earlier artworks and newer pieces, created especially for this show, are presented side by side, allowing the spectator to better understand the range of issues the artist has been exploring.

In *Loud Loud* (2014), a slightly enlarged replica of a volume button of a 1970s Marshall guitar amplifier is installed on a wall, slightly above eye level. The values -10 and 10 are stamped onto the wall, suggesting the possibility of a negative space or even of a sound-track somewhere between absolute silence and total noise.

In *Gradient* (2015) Gutke presents an engraved stainless steel ruler that seems to have been stretched to infinity. The ruler is 300 centimeters long and the millimeter and centimeter marks are distributed along its length with a progressively longer spacing between them, illustrating a process of infinite expansion.

The video *1-2-3-4* (2010) shows us a snare drum standing in the center of a white room. Drumsticks begin to fall on the drum and on the floor around it. After some seconds of apparent hesitation, during which the drumsticks fall sporadically and irregularly, their number increases – as if it was raining – and they violently hit the drum and the floor; projecting drumsticks towards the spectator while filling the room with the sound of a randomly improvised drum solo.

The slide installation *Lighthouse* (2006) uses the iconic Kodak Carousel projector as its formal starting point. The projection's 81 slides depict a white rectangle (an empty slide) that rotates as the projection progresses in time, slide by slide, just like the movement performed by an individual slide in the carousel projector. The result is a white projection that seems to revolve in an imaginary three-dimensional space, focusing and unfocusing as it approaches or moves away from the viewer.

Finally, and closing the show, in *9 to 5, Stormgatan 5* (2015) is a series of digital photos initiated in 2012 and still in progress. In this series, Gutke presents a sequence of photos depicting a part of a wall in his studio throughout one day. The initial photo is shot in the morning, with natural light. The camera settings are adjusted so that the result of this first photo faithfully represents the color and lighting of the white wall at that time of day. The image is then printed in almost full scale (95% of the original area) and placed on the

wall, replacing the exact same area it depicts. With the camera settings locked, a new photo of the image on the wall is shot. Because of the slight reduction in size, a small area of the wall is visible framing the first photo. The process is repeated approximately once every hour throughout the day, each picture sequentially replaced with a new one. The final image documents a kind of "cut", a transversal image of time and space. The wall's texture, its marks and characteristic aspects appear repeated in the borders of the successive images and, with the changes in lighting and color temperature, they reveal the passage of time.